



UM ANO DE REAL

IPC-r : 35,30%

IPCA-E: 34,62 %

O IPC-r caiu de 2,57% em maio para 1,82% em junho, acumulando 10,84% no semestre.

O IPCA-E acumulou 7,13% de abril a junho, ante os 4,34% do primeiro trimestre.

Por determinação legal cabe ao IBGE produzir este indexador, divulgando-o trimestralmente. (Página 2)

Custo da construção civil sobe bem menos do que a inflação

Em um ano de Real, a variação do custo médio da construção civil ficou bem abaixo da inflação: 21,69%. Esta diferença só não foi maior porque, com 17,05%, o metro quadrado disparou na frente do IPC-r neste primeiro semestre. (Página 3)

Produção agrícola

..... página 2

Produção industrial

..... página 3

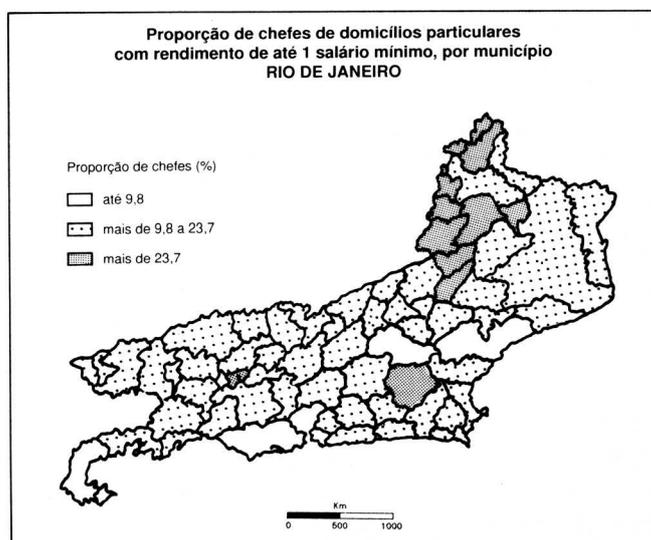
Os indicadores conjunturais mais recentes

..... página 4

Geociências e estatística compõem quadros da realidade

Os municípios do Norte Fluminense, Natividade, Porciúncula, além de Silva Jardim, estão entre os que apresentam maiores proporções de famílias com baixos rendimentos; Rio de Janeiro, Niterói, e as regiões de Parati, Nova Friburgo e Macaé são os que se encontram em melhor situação. É nas regiões rurais do interior, mais do que na periferia das grandes cidades, que se concentram os maiores níveis de pobreza.

Esta é uma análise possível de ser feita por meio de representação gráfica a partir da utilização de um instrumento que o IBGE coloca à disposição do público. Trata-se da malha municipal em meio magnético, que, associada a informações sociais, econômicas e demográficas, permite mapear situações localizando-as no espaço geográfico. (Página 3)



Quase 16 milhões de pessoas ocupadas

Para as seis regiões metropolitanas que compõem a *Pesquisa Mensal de Emprego* era de 16.735.159 a População Economicamente Ativa, em maio, e o número de pessoas ocupadas, 15.982.926. Ou seja, cerca de 95,5% da PEA estava ocupada. Pouco menos do que os 95,7% do mês anterior e mais do que os 94,8% de maio do ano passado.

De abril para maio, somente no Rio de Janeiro diminuiu o número de pessoas ocupadas. São Paulo e Belo Horizonte foram as regiões metropolitanas que mais absorveram mão-de-obra. Dos setores, destaque para serviços e construção civil, pois na indústria de transformação este indicador voltou a cair, permanecendo praticamente estável no comércio.

Na comparação com maio do ano passado, todas as regiões metropolitanas pesquisadas aumentaram o efetivo de trabalhadores e, por setor de atividade, só diminuiu na construção civil, expandindo-se a taxas elevadas no comércio e em serviços.

O número de empregados com carteira caiu 0,2% em um mês, mas cresceu 2,7% na comparação com maio do ano passado. Em contrapartida, os que não têm carteira continuam a crescer: 0,9% em um mês e 7,3% em um ano. O mesmo acontece com os que trabalham por conta própria: 1,3% a mais em um mês e 5,8% a mais em um ano.

Preços dos alimentos fazem IPC-r baixar para 1,82%

Os gastos com habitação, transporte público, educação e atendimento médico estão entre os que registraram as mais importantes altas de maio para junho. Em compensação, a maioria dos preços dos alimentos se apresentou em baixa, com destaque para os cereais, hortaliças, frutas, carnes, pescado, frango, ovos e óleo de soja. Isto fez com que o grupo Alimentação e Bebidas ficasse com taxa negativa de 0,47%, ou seja, 2,42 pontos percentuais menor do que a anterior. Também caíram as taxas de Artigos de Residência (de 2,16% para 1,79%) e Vestuário

(de 2,46% para 1,43%). Despesas Pessoais, que obteve o resultado mais alto no mês passado, com 6,04%, continuou acima da média, mesmo caindo 1,86 pontos percentuais por conta dos cigarros (de 8,87% para zero). O maior resultado foi para Transporte e Comunicação, que pulou de 0,71% em maio para 4,49% em junho, pressionado, basicamente, pelo aumento das tarifas de ônibus e táxis. Habitação passou de 3,24% para 3,63% e Saúde e Cuidados Pessoais, de 2,45% para 3,08%.

IPC-r NAS REGIÕES PESQUISADAS (%)

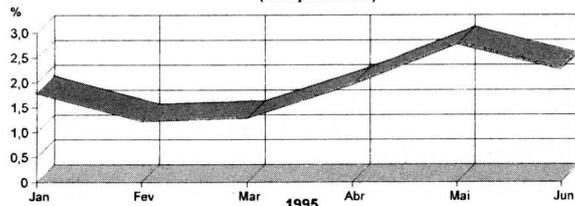
	RJ	POA	BH	REC	SP	DF	BEL	FOR	SAL	CUR	GOI
MAIO	2,63	2,96	3,06	2,62	2,43	2,59	2,07	2,10	2,47	2,64	2,70
JUNHO	2,32	2,24	1,90	1,18	1,40	2,34	0,88	2,85	2,39	1,35	2,18

A coleta dos índices de preços de maio foi feita de 14/04 a 15/05 e a de junho de 16/05 a 14/06.

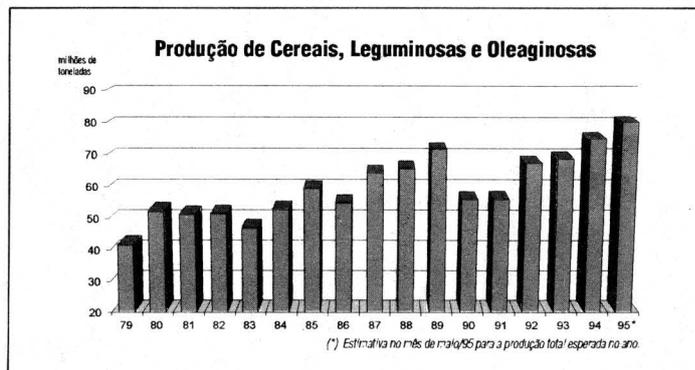
Porto Alegre ficou com o IPCA-E mais alto

O IPCA-E fechou abril com 1,95%, subindo em maio para 2,77% e caindo em junho para 2,25%, o que levou o acumulado no segundo trimestre a 7,13%. Entre as regiões pesquisadas, Porto Alegre, que obteve os índices mais altos em abril e junho, ficou com o maior acumulado: 9,39%. Depois vem Belo Horizonte, com 8,08%, justamente a região que deteve a taxa mais elevada em maio. Ficaram ainda acima da média, Goiânia (7,69%) e Rio de Janeiro (7,28%). O menor resultado foi para Belém (5,48%), seguida por Salvador (6,59%), São Paulo (6,65%), Fortaleza (6,72%), Recife (6,89%), Distrito Federal (6,93%) e Curitiba (6,94%).

Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA-E (variação no mês)



Novas estimativas dão conta de safra ainda maior



A produção total de cereais, leguminosas e oleaginosas, de acordo com o *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola*, deverá atingir 80,268 milhões de toneladas, superando em 6,78% a safra recorde do ano passado. No Sul, a expectativa, em maio, é de produção de 40,203 milhões de toneladas, o que significa 10,79% a mais do que no ano passado. O Centro-Oeste deve produzir mais 1,91%, o Sudeste mais 3,64%, o Nordeste mais 3,68% e o Norte mais 7,25%.

São Paulo puxa aumento da produção agrícola

De abril para maio, houve aumento de 1,26% na produção da primeira safra do milho e de 15,77% da segunda safra. Quem puxou este aumento foi São Paulo, com expansão significativa da produtividade. O mesmo ocorreu com a primeira safra da batata-inglesa (1,18%). São Paulo dividiu com outros estados a responsabilidade pelas variações apre-

sentadas, de um mês para o outro, para laranja (7,61%) e cana-de-açúcar (1,63%) e pela diminuição de 7,62% na produção de café. O Ceará respondeu por parte importante da queda de 3,71% da primeira safra do feijão.

Quanto ao bom resultado da segunda safra do feijão (5,31%) se deve ao ganho de área na Bahia e ao aumento nos níveis de produtividade em Goiás.

Brasil entra no novo milênio com quase 166 milhões de habitantes

(Hoje chegamos perto dos 155,8 milhões)

No Ano 2000, por projeções realizadas pelo IBGE, deverão ser aproximadamente 8,5 milhões de pessoas com mais de 65 anos, 110,3 milhões com idades que variam dos 15 aos 64 anos e cerca de 47 milhões de crianças e adolescentes até 14 anos.

Carta IBGE é uma publicação quinzenal da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, produzida pela Coordenação de Comunicação Social Av. Franklin Roosevelt, 166 - 9º andar - Rio de Janeiro/RJ Tel. (021) 220-0411 / Fax (021) 262-5429

Coordenadora do projeto e editora
Shirley Soares (Reg. Prof. N° 12.466 MT-RJ)

Assistentes - Adilson Ribeiro, Andrea Rodrigues e Marco Santos

Programação visual e diagramação - Aldo Victório e Mauro E. Araújo

Impressão e circulação - Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

Tiragem: 3 000 exemplares

Carta IBGE é um projeto integrado do qual participam, ainda, a Diretoria de Pesquisas (Maria Leticia Warner), a Diretoria de Geociências (Joil Rafael Portella) e a Diretoria de Informática (Paulo Weissenberg).

Nesta edição foram utilizados dados disponíveis até 28/6/95. Permitida a transcrição total ou parcial de matéria publicada na **Carta IBGE** desde que citada a fonte.

São Paulo, Rio e Minas sustentam ritmo de crescimento da produção industrial

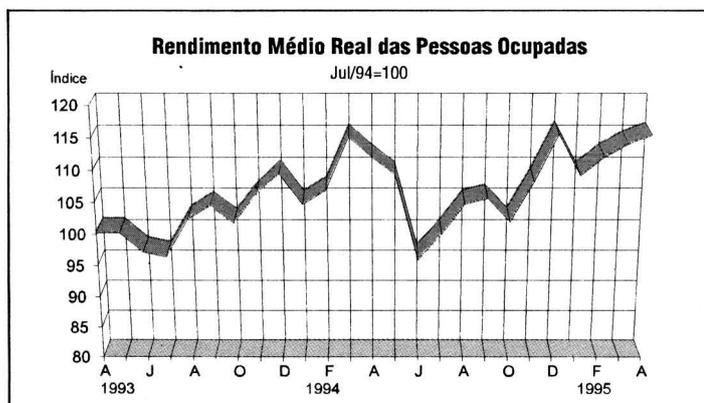
O indicador mensal passou de 7,2% em março para 9,5% em abril, no Rio de Janeiro, com forte influência da extrativa mineral e de vestuário. E de 7,8% para 8,0% em Minas Gerais, principalmente devido ao bom desempenho de produtos alimentares e metalúrgica. Em São Paulo, permaneceu praticamente estável nos 17,4%, ainda sustentado pela metalúrgica e material elétrico e de comunicações. Nos outros sete locais pesquisados, a atividade industrial se apresentou em franca desaceleração.

No entanto, estes resultados não alteraram o quadro positivo da produção industrial, que continuava em patamares ainda elevados no acumulado janeiro-abril, segundo a *Pesquisa Industrial Mensal/Produção Física Regional*. Neste período, apenas Pernambuco, São Paulo e Santa Catarina obtiveram taxas superiores aos 14,6% da média nacional. O único local a registrar queda no nível da atividade industrial foi o Paraná, com 2,4% negativos.

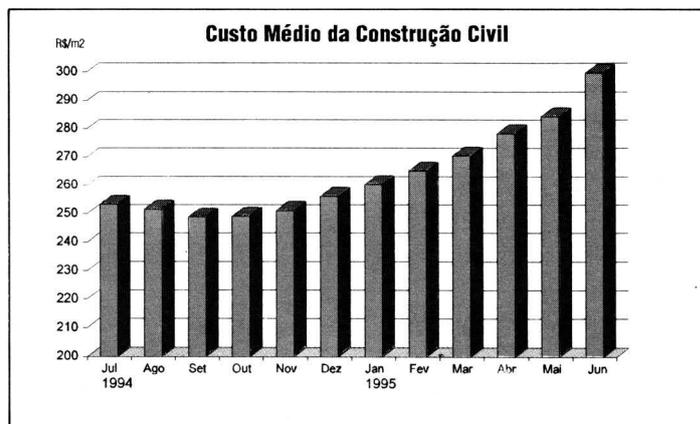
Rendimento de quem trabalha por conta própria continua a aumentar

O rendimento médio que mais aumentou foi o dos que trabalham por conta própria: 3,3% de março para abril e 24,4% em relação a abril do ano passado. O rendimento dos empregados sem carteira assinada cresceu 1,4% em um mês e 1,9% no ano, enquanto os que têm carteira ficaram com variação positiva de março para abril (2,0%), mas com queda de 4,9% na comparação com abril do ano passado.

A construção civil foi o setor que apresentou o melhor desempenho: o rendimento médio subiu 12,5% em um ano, enquanto serviços ficou com taxa de 3,5% e comércio com 1,8%. O pior desempenho foi para a indústria de transformação (-2,2%), mesmo com crescimento de 1,4% de março para abril, o que dá continuidade às taxas positivas dos últimos meses, em clara retomada de expansão.



Custo da mão-de-obra na construção civil supera inflação



O custo médio do metro quadrado da construção civil se situou em R\$299,69, em junho, sendo que para este total o material contribuiu com R\$202,03. No entanto, o custo dos materiais subiu bem menos do que os 35,30% da inflação medida pelo IPC-r neste primeiro ano do Real: 14,08%. Ao contrário da mão-de-obra, que chegou aos 41,19%.

No mesmo período, o Sudeste registrou a maior alta em mão-de-obra (47,98%), seguido pelo Sul (44,13%), Centro-Oeste (35,84%) e Nordeste (34,38%). O menor aumento foi no Norte (27,61%), justamente onde ocorreu a mais alta variação do custo médio de materiais (17,75%). Bem distante dos 14,38% do Nordeste, 13,68% do Sudeste, 12,51% do Sul e 12,29% do Centro-Oeste.

Mapas digitalizados mostram situação dos municípios brasileiros

Um mapa digitalizado, com os contornos dos municípios brasileiros, está disponível em meio magnético no IBGE, e pode ser utilizado para a análise da distribuição espacial das informações sócio-econômicas do censo demográfico e para outras aplicações. Além dos limites municipais, identifica os nomes, mostra os limites das Grandes Regiões e dos estados.

Trata-se do primeiro produto de uma linha de trabalho que tem por objetivo detalhar

e referenciar as informações produzidas pelo IBGE em nível de setores censitários (cerca de 160 mil), permitindo associá-las a outras informações estatísticas e cartográficas.

A malha municipal digitalizada já vem sendo utilizada por várias instituições governamentais, não-governamentais e privadas, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Maringá, Codevasf, Unicef, Ibam e Rede Globo.

Para obter a malha municipal em meio magnético

Para atender a uma demanda crescente e diversificada por este produto, além da

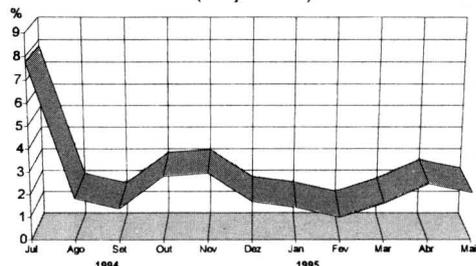
venda direta, o IBGE estará divulgando nos próximos dias Aviso Público para elaboração de contratos de cessão de direitos autorais para os interessados em incorporar a malha municipal em

aplicativos com componentes georreferenciados.

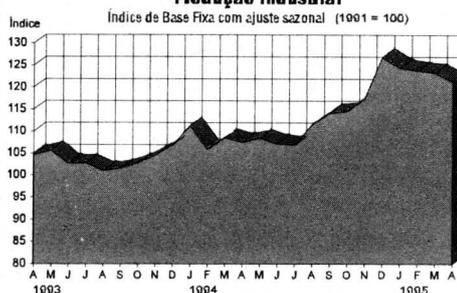
A malha tem um formato compatível com os softwares de *microstation* - DGN, Arc-Info - E00 e Autocad - DXF. Está disponível para aplicações em es-

calas de 1:2.000.000 a 1:250.000. O atendimento direto aos interessados continua sendo feito pelo Centro de Documentação e Disseminação de Informações: telefone (021) 264-5424/ fax (021) 228-9575.

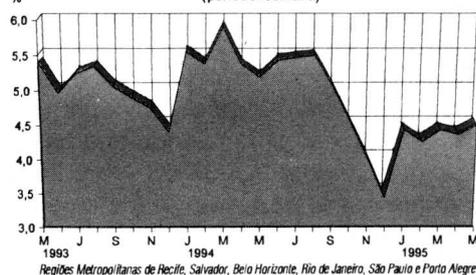
Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC
(variação no mês)



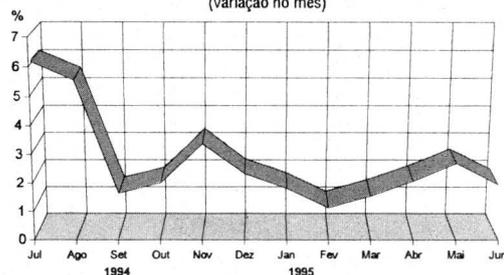
Produção Industrial



Taxa Média de Desemprego Aberto
(período: semana)



Índice Nacional de Preços ao Consumidor - IPC-r
(variação no mês)



INDICADORES CONJUNTURAIS

	PERÍODO DE REFERÊNCIA	NÍVEL	VARIAÇÃO EM RELAÇÃO AO PERÍODO ANTERIOR	VARIAÇÃO EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR
--	-----------------------	-------	---	--

PRODUTO INTERNO BRUTO (ÍNDICES TRIMESTRAIS)

Total (1980=100)	1995/I	138,53 (1)	3,07 (1)	10,50 (2)
Agropecuária (1980=100)	1995/I	156,12 (1)	5,21 (1)	7,16 (2)
Indústria (1980=100)	1995/I	121,71 (1)	2,97 (1)	14,29 (2)
Serviços (1980=100)	1995/I	153,03 (1)	2,52 (1)	8,26 (2)

PRODUÇÃO AGRÍCOLA (MILHÕES DE TONELADAS)

Total de cereais, leguminosas e oleaginosas (3)	Mai (*)	80,268	—	6,78 (4)
---	---------	--------	---	----------

PRODUÇÃO INDUSTRIAL (ÍNDICES MENSIAIS)

Total (média de 1991=100)	Abr	111,86	-1,68 (1)	11,87
Bens de capital (média de 1991=100)	Abr	129,73	-5,11 (1)	26,40
Bens intermediários (média de 1991=100)	Abr	111,81	-1,28 (1)	8,47
Bens de consumo duráveis (média de 1991=100)	Abr	141,22	-0,25 (1)	24,44
Bens de consumo não-duráveis (média de 1991=100)	Abr	97,17	-1,81 (1)	11,91

MERCADO DE TRABALHO

Taxa média de desemprego aberto (%) (5)	Mai (*)	4,49	3,22	-13,32
Rendimento médio real (índice mensal, jul/94=100) (6)	Abr (*)	115,45	1,24	3,04
Empregados c/ carteira assinada	Abr (*)	107,11	1,99	-9,91
Empregados s/ carteira assinada	Abr (*)	120,72	1,36	1,93
Conta-própria	Abr (*)	134,56	3,30	24,41
Emprego industrial (índice mensal, 1985=100) (7)	Mar	83,47	0,34	3,01
Salário médio real na indústria (índice mensal, 1985=100) (8)	Mar	113,35	2,78	8,49

PREÇOS

Índice de preços ao consumidor - INPC (dez/93=100)	Mai	1121,54	2,10	93,52
Índice de preços ao consumidor amplo - IPCA (dez/93=100)	Mai	1115,24	2,67	91,79
Índice de preços ao consumidor - IPC-r (jun/94=100)	Jun (*)	135,30	1,82	—
Índice de preços ao consumidor amplo especial - IPCA-E (dez/93=100)	Abr/Mai/Jun (*)	—	7,13 (9)	—
Custo médio da construção civil (R\$/ m2)	Jun (*)	299,69	5,44	—

NOTAS: (1) Série com ajuste sazonal. (2) Taxa acumulada no ano. (3) Estimativa no mês de referência para a produção total esperada no ano em curso (caroço de algodão, soja, milho, trigo, arroz, feijão, amendoim, mamona, aveia, centeio, cevada e sorgo). (4) Variação em relação à produção obtida no ano anterior. (5) Taxa média de desemprego aberto (semana), abrangendo Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. (6) Rendimento do trabalho principal das pessoas ocupadas, deflacionado pelo INPC. (7) Pessoal ocupado na produção. (8) Deflacionado pelo INPC. (9) Variação acumulada no período de referência. O IPCA-E é divulgado ao final de cada trimestre. (*) Novo nesta quinzena.